



Roma, Casa Generalizia FMA
13 de maio de 2003.

SIMPLICIDADE DO CORAÇÃO

Reflexões sobre as cartas de Maria Mazzarello

Anselm Grün

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes

Ao ler as cartas de Maria Mazzarello, o que logo me impressionou foi a simplicidade do seu linguajar e da sua espiritualidade. Na tradição espiritual, a simplicidade do coração sempre foi um sinal de espiritualidade genuína. Os monges a chamavam de pureza do coração.



O coração simples é claro e repleto do Espírito de Deus. Vê as coisas como são. Não interpõe as próprias áreas de sombra nas coisas e na consideração das pessoas. A simplicidade é sinal de que se conhece bem a si mesmo, e se aceita com todas as próprias zonas de sombra. O coração é simples porque se tornou um com Deus.

O coração simples de Maria Domingas Mazzarello é ao mesmo tempo penetrado de uma grande alegria. Continuamente ela repete em suas exortações: “Estejam sempre alegres!”. Esta não é a exortação formal de uma pessoa que não é feliz, ao contrário, manifesta a serenidade de quem escreve. Percebe-se isso no modo com que descreve as irmãs, relata os acontecimentos e se dirige ao destinatário com certo *humor*. Sobretudo se demonstra o *humor* de Maria no modo de falar de si mesma.

O seu estilo não tem nada a ver com a tendência a desvalorizar-se, que o século XIX conhece em muitos religiosos. A Santa fala do seu amor próprio, deste modo: “Eu tenho tanto, tanto amor próprio que a cada momento tropeço e caio por terra como um bêbado” (C 9,9). Pode escrever assim somente uma mulher que tem uma certa distância interior de si mesma, que sabe rir de si e olhar com serenidade os próprios limites, sem desprezar-se.

A simplicidade do coração revela-se também no modo como Maria escreve sobre a situação de cada casa. Não é um estilo melífluo com o qual as realidades são cobertas por um manto espiritualista. Maria diz as coisas como são. Não usa embustes para embelezar as situações candentes. Em todas as dificuldades, não se



sente nela nenhuma disposição para o humor depressivo ou choroso. Aceita as situações assim como são. Fala, por exemplo, abertamente das saídas do Instituto, sem condenar as irmãs que deixaram a comunidade. Dá relação da morte de irmãs jovens, mas o faz sem ênfase e sem auto-compaixão. Pelo contrário, é óbvio para ela que todas foram para o Paraíso. E também sabe escrever sobre o Paraíso de um modo bastante humorístico, sem o estilo muito solene que caracteriza certos manuais de espiritualidade.

1. Características da espiritualidade de Maria Mazzarello

Colhe-se a espiritualidade de Maria Mazzarello nas exortações que ela dirige às suas irmãs. À diretora de Montevidéu, Ir. Ângela Vallese, escreve: “Anime-as a ser sempre humildes e obedientes, amantes do trabalho, a agir com reta intenção, a ser límpidas e sinceras, sempre e com todos. Conserve-as sempre alegres, corrija-as sempre com caridade, mas nunca perdoe nenhum defeito. Um defeito corrigido logo é nada às vezes, se ao invés se deixa que crie raízes, é preciso depois muito esforço para erradicá-lo” (C 17,1). Na mesma carta, ela continua: “Esteja alegre e não tenha tanto medo dos seus defeitos, de não poder corrigir todos de uma vez; mas faça-o pouco a pouco, com boa vontade de combatê-los, nunca fazendo as pazes com eles todas as vezes que o Senhor lhe permite descobri-los; faça o que puder para emendar-se e verá que aos poucos vencerá tudo! Coragem então, grande confiança em Deus e um bom espírito de desprezo de si mesma, e verá que tudo irá bem” (C 17,4).



Obediência

Acentuar a obediência e a humildade poderia parecer hoje muito suspeito. No entanto, precisamente no início de uma comunidade religiosa, era a obediência a virtude que contribuía para amalgamar a comunidade. Sem a obediência a comunidade não teria conseguido realizar o que alcançou por meio dela. A obediência é a disposição para colocar-se a serviço das necessidades da comunidade.

Maria não fala da obediência de modo idealizado, mas com sobriedade. A obediência é simplesmente necessária para que a comunidade possa ter sucesso. Para ela a obediência está em estreita relação com a confiança. Frequentemente aconselha suas coirmãs a confiarem nas diretoras. Às vezes há razões para isso. Evidentemente havia diretoras com as quais as irmãs tinham dificuldade. Maria solicita a confiança. Não moraliza e nem ordena a obediência, embora seja ela a superiora. Em vez disso, procura encorajar as diretoras. Ela admite que têm os seus limites, mas que se deveria também reconhecer a boa vontade. A obediência a estas concretas diretoras está em função da unidade da comunidade. A rebelião dividiria a pequena comunidade.

Humildade

Humildade é a coragem de olhar as próprias zonas de sombra e de aceitar-se com a própria humanidade e limitação. A humildade como *humilitas* tem a ver até mesmo com o *humor*. Porque *humilitas* é a disponibilidade para aceitar o próprio *humus*, e isto leva ao *humor*. A humildade que Maria





recomenda não tem nada em comum com o autodescrédito ou o desprezo de si. Ao mesmo tempo, Maria diz que as irmãs não devem ter medo dos seus defeitos. Ela não quer o perfeccionismo, mas a disposição para colocar-se no caminho de um sincero conhecimento de si. A humildade está assim unida à libertação do medo, à sinceridade e à autenticidade.

Esta autenticidade, irmã da simplicidade do coração, encontra-se em todas as cartas de Maria Mazzarello. Ela não se exalta, nem se diminui. Antes, reconhece-se assim como é e deste modo põe-se em contato com cada uma das irmãs. Escreve às simples noviças como às diretoras. Não existe evidentemente nenhuma barreira entre ela e as irmãs jovens que entram no Instituto. A humildade para Maria está a serviço da capacidade de relação. Renuncia a distanciar-se como superiora das outras e se entende como irmã entre as irmãs.

Amor ao trabalho

Outra recomendação, que retorna em muitas cartas, é o convite a amar o trabalho e a trabalhar com reta intenção. O trabalho é para ela “o pai das virtudes; trabalhando escapam os grilos e se fica sempre alegre.” (C 25,5). Percebe-se nas cartas que Maria trabalha com prazer. Porém, para dizer a verdade, algumas vezes



ela se lamenta de ter muito trabalho. Desculpa-se às vezes de não ter bastante tempo para responder as cartas, porque o trabalho é intenso. Portanto, ela vê também os limites do trabalho, motivo pelo qual exorta Ir. Angiolina: “Enquanto lhe recomendo de trabalhar, recomendo-lhe também de ter cuidado com a saúde, e recomendo a todas de trabalhar sem nenhuma ambição, mas apenas para agradar a Jesus” (C 25,5). O trabalho encontra o seu limite na própria saúde, pois a resistência física nos dá a medida. Porém, também o espírito dá sinal quando há muito trabalho; quando se reage de má vontade, com agressividade, descontentamento ou irritação, é sinal de que as medidas foram ultrapassadas.

Outro critério para identificar um trabalho rico de bênçãos é para Maria a ausência de segundas intenções. Se eu procuro a minha afirmação pessoal no trabalho, logo me esgoto. Se ao contrário o trabalho provém da fonte interior, então posso trabalhar muito. Para Maria, a fonte interior não é apenas a fonte do Espírito Santo, mas o amor a Jesus. Se eu cumpro o meu dever por Jesus, ele me dá alegria. E posso trabalhar mais do que se me colocasse sob a pressão do rendimento.

Alegria

O convite a ser sempre alegre não gera por si só a alegria. A pergunta é esta: como as irmãs podem alcançar esta alegria? Maria Mazzarello dá como condição a simplicidade do coração: “Para ser alegre, é preciso ir adiante com simplicidade, não procurar satisfações nem nas criaturas, nem nas coisas deste mundo” (C 24,4). Este conselho Maria envia à Ir.





Josefina Pacotto que evidentemente sofre de melancolia e tristeza. A alegria não é simplesmente um dom ou uma disposição natural. A pessoa pode alcançá-la quando se torna internamente simples e clara, e supera a dependência das coisas deste mundo. Se for dependente dos elogios ou da crítica, do sucesso ou do insucesso, do afeto ou da rejeição, a pessoa nunca conseguirá ser alegre. Nunca experimentará realmente a satisfação das suas necessidades. Nunca se sentirá saciada com os elogios que recebe.

Maria tem convicção de que a alegria é o mais importante pressuposto para uma espiritualidade saudável. Os psicólogos nos dizem que a alegria pode curar a pessoa. Ela é uma fonte de energia vital que não se esgota facilmente. Quando vivemos apenas da nossa vontade, ficamos logo esgotados e destruídos. Se na ascese nos irritamos contra nós mesmos, então exaurimos facilmente a nossa energia interior. A alegria, em vez disso, nos põe em contato com a fonte da energia que flui em cada um de nós.

Maria, porém, sabe que não basta apenas recomendar a alegria. Procura também as condições para que as irmãs possam ser alegres. Uma condição é que a comunidade aprenda a celebrar a beleza das festas, de modo que todas possam se alegrar. Fazer teatro era um meio importante para promover esta alegria.



A uma irmã que sofre de melancolia, escreve: “Agradeça por eu estar longe, se não eu puxaria as suas orelhas; você não sabe que a melancolia é a causa de muitos males?” (C 24,3). E a faz entender que a melancolia é expressão de atitude infantil. Em vez de girar em torno de si e ter pena de si mesma, Ir. Giuseppina deve tornar-se adulta e assumir as responsabilidades pela comunidade. Isto a desaconselharia a girar em torno de si mesma. Maria escreve a esta irmã um tanto deprimida, não moralizando, mas de modo humorístico. Esta modalidade de ação certamente funciona mais do que se ficasse indignada com a melancolia experimentada pela irmã.



Na carta 60 Maria escreve à noviça, Ir. Rita Barilatti: “Viemos para a vida religiosa, então coragem, coragem e sempre grande alegria, pois a alegria é o sinal de um coração que ama muito o Senhor” (C 60,5). Junto com a alegria fala muitas vezes da coragem. A alegria não pode ser exigida diretamente, ou simplesmente ser aspirada. A alegria é sempre expressão de uma vida realizada. Maria encoraja as irmãs a aceitar a vida religiosa como é. Quem consegue ter esta coragem de dizer sim a esta vida, ficará feliz consigo mesmo e a sua alegria poderá crescer. A coragem de aceitar incondicionalmente a si mesmo e a própria situação existencial é então a premissa da alegria.

E existe ainda uma outra: o amor por Jesus. Alegria é, também, sempre expressão de amor. Quem ama é alegre. Assim, o amor por Jesus é o fundamento de uma vida marcada pela alegria. Das cartas de Maria transparece o seu simples e afetuoso amor por Jesus. Não é artificial, mas



existe simplesmente. Ela vive disso. D'Ele obtém a força para assumir a sua responsabilidade na comunidade.

Abnegação

Maria exorta continuamente as irmãs a esmagar o amor próprio e a se mortificar. As expressões revelam uma ascese exigente que poderia levar à mortificação mais do que à realização de si. No entanto é importante considerar com exatidão as expressões de Maria. Ela escreve sobre a renúncia à própria vontade com um certo *humor*. Então, não se irrita contra a própria vontade, mas sabe que ela se introduz sempre furtivamente em nossa atitude. Os místicos de todos os tempos falam da morte do eu, do desapego do próprio ego. Não se trata de matar o ego, isto é, de ser agressivo contra si mesmo, sobretudo trata-se de tomar uma certa distância do ego.



O ego intromete-se em todo o nosso agir, também em nossa relação com Deus; quereria instrumentalizar Deus, quase como se Ele devesse servir à própria autoexaltação. A capacidade de distanciar-se do ego é indispensável para a autêntica relação com Deus. É uma virtude religiosa antes que moral.

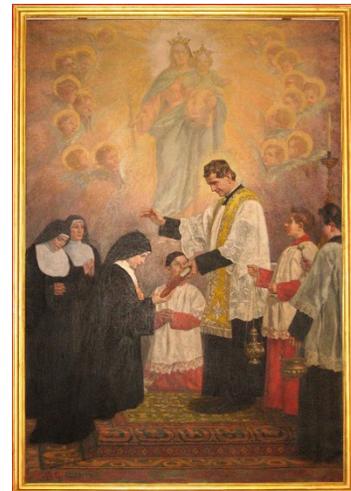
A serenidade com que Maria fala do “desprezo de si” e do pisotear a própria vontade, demonstra que ela não entende a abnegação como a negação do próprio valor, mas sim como a liberdade interior com que nós devemos viver. Não se trata de renegar ou contorcer a si mesmo, mas de abandonar-se em Deus na liberdade.

É interessante observar em que contexto Maria escreve sobre o “desprezo” de si: “Coragem então, grande confiança em Deus e um bom espírito de desprezo de si mesma e verá que tudo irá bem” (C 17,4). Fala de um “bom espírito” de abnegação, que guia tudo a um bom resultado. Não recomenda, portanto, renegar a vida, mas encontrar o caminho para alcançar uma existência realizada.

Nós precisamos da liberdade interior para viver de modo saudável. Precisamos de uma distância saudável do nosso ego para não nos tornarmos escravos dele. Ao distanciar-nos interiormente do ego e da própria vontade, entramos em contato com o nosso verdadeiro ser, descobrindo a imagem autêntica que Deus fez de nós.

Maria descreve a liberdade interior do próprio ego como a vitória sobre si mesmo. Usa então imagens esportivas. Quem vence a si mesmo, torna-se verdadeiramente aberto a Jesus. E se Jesus é a nossa força, “os pesos se tornarão leves, as fadigas suaves, os espinhos se converterão em doçura” (C 22, 21). A meta é, portanto, a liberdade interior e a doçura.

A vida adquire um gosto novo quando vencemos a nós mesmos. Se esta vitória não acontece “tudo se torna insuportável e a malignidade, como as pústulas, ressurgirão em nosso coração” (C 22,21). Para Maria, não se trata de perfeccionismo e nem mesmo de empenho moral, mas da





boa saúde da alma, da liberdade interior e da alegria. Tornamo-nos livres e alegres, somente quando conseguimos vencer a nós mesmos, quando não somos mais dependentes dos desejos infantis e insaciáveis do próprio ego.

Fazer-se santo

A meta do caminho espiritual é para Maria fazer-se santa. Ela exorta muitas vezes suas irmãs à santidade: “A nós, religiosas, não basta salvar a alma, devemos nos santificar, e santificar, com as nossas boas obras, tantas outras almas que esperam pela nossa ajuda” (C 18,3). Tornar-se santo não é então um egocêntrico girar em torno de si mesmo, mas um serviço aos outros. Para os gregos, somente o que é santo pode curar. Tornar-se santo quer dizer em primeiro lugar tornar-se íntegro, colocar tudo à luz de Deus, e deixar-se transformar e curar por Ele. Santo é o que é subtraído ao domínio deste mundo.

Portanto, tornar-se santo significa cuidar e proteger neste mundo, o que é santo. Cada pessoa tem em si um espaço santo, o espaço do silêncio no qual habita Deus. Este espaço é subtraído ao domínio deste mundo. Se cada religioso protege este espaço íntimo do Santo em si mesmo, conseqüentemente torna o mundo mais luminoso e saudável. Deste santuário íntimo no seu coração, pode brotar algo de salutar para aqueles que o circundam.

Maria escreve que devemos ajudar outras almas no seu caminho de santidade. Se nós protegemos o Santo em nós, então podemos abrir também a outras pessoas o acesso ao seu santuário íntimo. E com isso nós lhes prestamos um serviço importante para a sua plena humanização. Porque todo ser humano se torna saudável e verdadeiro quando descobre o Santo que o habita. Contribuir para fazer santos quer dizer também, fazer com que as pessoas estabeleçam uma relação com o Deus Santo e que se tornem seus familiares. Torná-las santas quer dizer preenchê-las com o Espírito do Deus Santo.

É Deus que santifica. Mas Maria reconhece também o nosso dever nisso, isto é, o empenho em nos santificar a nós mesmos e em ajudar os outros. Devemos deixar agir o Espírito de Deus em nós. Por meio de nós o Espírito de Deus, que cura e santifica, derrama-se também sobre os outros e os santifica.

Relação com as coirmãs

Na comunidade de Saint-Cyr-Sur-Mer, na França, evidentemente havia conflitos. Eram causados pela nova diretora que algumas irmãs não haviam aceitado. Por isso existia tensão na comunidade. É interessante notar como Maria enfrenta o problema. Num primeiro momento solicita renovar a confiança na diretora: “Agora espero que vocês tenham toda a confiança em sua Diretora Ir. Santina, que é tão boa! Pobrezinha, por que não querer ter confiança nela?” (C 49,1). Maria não encontra a verdadeira causa dos problemas no





caráter da diretora, mas no fato de que as irmãs veem tudo escuro: “Atenção, às vezes, a nossa imaginação nos faz ver as coisas escuras, escuras, enquanto são completamente claras, o que esfria o nosso relacionamento com as nossas superiores e, pouco a pouco, nos faz perder a confiança que nelas depositamos. E o que acontece depois? Vivemos mal e fazemos a pobre Diretora sentir-se mal” (C 49,2).

Decisivo para uma boa relação com a diretora, e das irmãs entre si, é libertar-se de qualquer projeção. Nós projetamos com frequência nos outros o que não conseguimos aceitar em nós mesmos. E então vemos tudo escuro. Não é a comunidade que é difícil, mas nós a tornamos difícil com as nossas imaginações. Quem tem o coração simples, vê em cada pessoa o bem. Porém, quem escapa do escuro no próprio coração, o vê em todos os lugares nos outros. E acha que não pode viver com isso.



Nas cartas, Maria exorta as irmãs a viver bem com todos. O motivo pelo qual não se vive bem com uma coirmã, segundo ela, está nas projeções: “No final das contas, são todas histórias que à vezes criamos na cabeça. Uma filha que ama Jesus de verdade, vive sempre bem com todas” (C 49,6). As nossas dificuldades com as coirmãs provêm do fato de que misturamos os seus problemas com os próprios. Às nossas feridas não elaboradas se unem as emoções das outras, e disso resulta um mingau de emoções do qual não saímos mais. E então deduzimos que não podemos viver com essas irmãs. Parece óbvio aquilo que Maria diz: “quem ama Jesus vai bem com todas”, mas não é assim. Quem tem a sua raiz em Jesus, consegue manter uma distância interna das atitudes imaturas das coirmãs. Não aceitará logo todas as pessoas, mas, como não encontra a sua consistência nas coirmãs, mas sim em Jesus, não exigirá muito delas.

Maria condena as fantasias negativas que surgem em nós e que nos tornam a vida pesada. Assim ela exorta as irmãs: “Mandem-me logo boas notícias, lembrem-se de que eu quero que sejam alegres, ai de vocês se fizerem ‘almanaques’ ” (C 49,7). O termo “fazer almanaques” indica “fantasiar, indispor-se de modo inconcludente e fazer suposições pessimistas” (C 49, nota 5). Maria resume aqui ainda uma vez os seus desejos de modo humorístico. A condição que permitirá às suas irmãs viver bem juntas é que se distanciem dos próprios pensamentos e fantasias, que se libertem das múltiplas projeções sobre os outros. Devem ver cada pessoa assim como é, e não se indispor por aquilo que poderia esconder-se por detrás das suas palavras ou do seu comportamento. Quem faz suposições pessimistas sobre o outro vê nele somente o negativo. O coração simples tem um olhar luminoso e positivo. E com este olhar vê o núcleo bom de cada pessoa.

Nostalgia do Paraíso

Muitas vezes em suas cartas Maria fala do Paraíso. Quando se refere à morte de uma coirmã, diz brevemente que agora está no Paraíso. E às vezes experimenta um pouco de inveja ao pensar que uma coirmã já conseguiu entrar no Paraíso.

Paraíso significa para a Madre estar com Jesus e estar bem. Em uma de suas cartas, escreve: “Você me escreveu que viu muitas coisas bonitas em Roma,





mas, minha boa Ir. Virgínia, no Paraíso veremos coisas mais bonitas ainda, não é mesmo? Coragem, esta vida é breve, e neste breve tempo procuremos adquirir tesouros para o Paraíso” (C 34,2).

O escopo da vida para Maria é chegar ao Paraíso. Nas cartas, ela expressa claramente que não tem medo da morte, ao contrário, que às vezes desejaria já estar com as irmãs no Paraíso. E às missionárias distantes escreve que provavelmente não será mais possível encontrá-las neste mundo. A distância é muito grande. Certamente elas se verão no Paraíso.

Recomenda às irmãs que se preparem bem para a morte: “É necessário estar sempre preparadas e manter as contas ajustadas, para que a morte não nos assuste” (C 33,3). Também sobre a morte escreve em tom confidencial e humorístico. Ela não tem medo da morte, antes, sente até mesmo familiaridade com ela: “Vejam, minhas queridas filhas, a morte de vez em quando vem. A Senhora morte vem para nos cumprimentar!” (C 55,4).

A respeito de duas irmãs muito doentes, escreve: “Parece que a morte se aproxima para fazer-lhes uma carícia, mas as pobrezinhas não querem saber dela” (C 55,3). A morte, então, tem algo de afetuoso: acaricia os moribundos. Não vem como um terrível monstro, mas como uma mulher que nos traz uma saudação de Deus. Nestas palavras, fica claro que Maria integra a morte em sua vida, que o pensamento da morte não lhe causa medo, mas a convida a viver consciente e fortemente.

2. A mensagem da Santa para nós hoje

Maria Mazzarello não deixou um ensinamento sobre o qual se pudesse argumentar com erudição. No entanto, de suas cartas transparece uma espiritualidade que hoje tem algo a nos dizer. É uma espiritualidade simples que habita uma pessoa que se tornou simples e clara por meio do encontro com Jesus.

Transparece das cartas de Santa Maria Mazzarello, um grande amor a Deus, a Jesus, à Virgem Maria e ao próximo. Este amor foi sentido pelas irmãs; por isso tiveram grande confiança nela.

Hoje corremos o risco de escrever e indagar de modo erudito sobre a espiritualidade. A espiritualidade de Maria é espiritualidade vivida. E é simples porque brota de um coração simples. A mística grega já escreveu sobre a simplicidade do coração. O coração simples tornou-se um com Deus. E porque se tornou um, conhece apenas o um: Deus, o verdadeiro fundamento da vida. O coração simples não tem segundas intenções: não quer incutir respeito, não pretende servir-se de Deus, mas se doa inteiramente a Ele.



Jesus fala do olho simples e puro: “Se o teu olho for são - *haplous* significa simples, límpido - todo o teu corpo será iluminado” (Lc 11,34). O olho simples vê as coisas como são; não mistura as próprias projeções ao considerar a realidade. Vê tudo à luz de Deus.



Para os Padres gregos a simplicidade é a característica de uma pessoa que tem experiência de Deus, que por meio de Deus se tornou unificada em si mesma e com tudo o que está nela. Simplicidade quer dizer que tudo em mim está elevado à comunhão com Deus.

Maria não fala de teologia mística. Mas a simplicidade do coração demonstra que ela fez experiência de Deus e que nada daquilo que é humano lhe é estranho. Por isso pode falar com bondade das fraquezas humanas, sem indignar-se. A sua espiritualidade não tem o tom moralista de quem condena a inobservância dos mandamentos. Para Maria tudo é natural: o amor de Deus, mas também as fraquezas humanas. Se ela exorta com frequência as irmãs a superar as fantasias negativas é porque cultiva e quer cultivar também nos outros a simplicidade do coração.

Quem no seu coração e no seu olhar é simples, vê as pessoas em seu verdadeiro ser. Através do invólucro dos defeitos psicológicos, sabe ver a clara profundidade da alma, na qual em cada um existe o desejo do bem.

Colhe-se em Maria a simplicidade do coração também pelo fato de que ela busca somente uma coisa: amar Jesus, gozar do seu amor e tornar felizes as que lhe são confiadas.

Ela pode expressar esta simplicidade do coração também com a palavra santidade. Simplicidade e santidade andam juntas. Santo é aquele que é saudável e íntegro. Simples é aquele que é um com Deus e consigo mesmo.

À simplicidade pertencem tanto a pureza do coração, que para os monges antigos era o escopo da vida espiritual, quanto a liberdade interior. Pureza de coração é, para João Cassiano, amor, um amor que não está misturado com pretensões de posse e desejos infantis. Quem alcançou a pureza de coração libertou-se de todos os cálculos e projeções; não se valoriza na proporção do afeto ou da rejeição dos outros, da medida do sucesso ou do insucesso. Considera-se e se valoriza somente a partir de Deus.

Lendo as cartas de Maria Mazzarello, a mensagem mais importante para mim é esta: “Torna-te simples! Confia no amor! Não é tão complicado como tu pensas. Ama simplesmente e sê alegre!”. A espiritualidade de Maria é livre de especulações complicadas. É livre também da mentalidade moralista e mesquinha que no século XIX foi amplamente difundida, também no âmbito eclesiástico. Ela respira amplitude, alegria, simplicidade e clareza.

No nosso mundo complicado, a mensagem que hoje a Santa nos dá, para mim é esta: “Procura elevar o teu coração e tudo o que está nele, à comunhão com Deus. Verás como tudo se torna simples e claro, como tu te tornas uma/um contigo mesma/o e com os outros. Se o teu coração se clareia, encher-se-á de uma alegria, que nem mesmo as vicissitudes da vida poderão perturbar. Porque tem a sua fonte no amor de Deus. Não debes ter medo das tuas zonas de sombra, dos teus defeitos e das tuas fraquezas. Também estes estão imersos em Deus. Em força desta união poderás realizar com simplicidade o teu serviço e conduzir aqueles que se aproximam de ti ao seu verdadeiro ser, à sua íntima unificação.”

